

REVISTA

bulunga

abril de 2024 - número 28



**os almoços de domingo nunca serão
os mesmos depois que você ler a
nossa entrevista com uma GALINHA**

EDITORIAL

Elon Musk, o bilionário (em dólares, pois se for em "reales", é trilionário) de origem sul-africana, com cidadania norte-americana, causou uma polêmica do carvalho (eu disse carvalho), ao fazer um comentário sobre determinada autoridade brasileira que não podemos dizer o nome, sob o risco de sermos presos sem direito a defesa, denunciando a censura que essa autoridade afirma não existir, mas se alguém teimar que existe, ele manda prender, desmonetizar, demitir, bloquear contas, ajoelhar no milho, arrancar dente siso sem anestesia, puxar os pelinhos do nariz com pinça, entre outras repreensões não previstas na nossa velha e ultrapassada Constituição.

Afinal, o atual governo precisa garantir o livre exercício da democracia, nem que, para isso, se necessário for, tenha que descer o bambu nos discordantes.

Mas depois dessa treta com o gringo, muita gente tomou coragem e passou a xingar a tal autoridade de feio, bobo e mandão, dando como certo o seu tropeço, mas poucos conhecem os trâmites da política, pois muita água ainda há de rolar, e o circo dos horrores foi montado dessa forma, exatamente para a coisa não funcionar.

Os culpados, já dissemos isso várias vezes, foram os povos originários, que abriram as portas para os invasores, em troca de espelhinhos e bijuterias, e assim o Brasil virou uma casa de mãe joana, onde um espertalhão resolveu tomar o poder, e agora ninguém mais é capaz de tirar.

Enquanto isso, os preços dos produtos alimentícios disparam nos supermercados, mas as autoridades afirmam que é mentira, e o povo brasileiro espera ansiosamente por um aumento insignificante da sua cota de ração.

MODISMOS

Os barbeiros atualmente só conhecem um tipo de corte de cabelos: o "mid fade", também conhecido por "degradê". Consiste em um efeito de raspagem que vai das têmporas até a barba, e também está na moda preencher o volume com rímel, isso mesmo, aquele pincel que fica dentro de um tubinho que as mulheres usam para destacar as pestanas. Fica tão natural quanto a voz da Pablo Vittar. Lembra um pouco a moda das sobrancelhas das mulheres delineadas com fita isolante.

E as barbas também estão em moda. Todo homem está usando barba. Eu e meu co-editor deixamos a barba crescer. Até a minha prima Mirna está de barba. E ainda deixou crescer os pelos das axilas e pintou umas mechas azuis nos cabelos.

Moda é uma coisa estranha. Ela vai e volta, vai e volta, vai e volta, sem que ninguém consiga explicar como aconteceu. Alguém precisa dar um "start", e normalmente é alguma figura pública, um artista, uma celebridade. Uma dessas aparece usando um biquíni de crochê e todo mundo copia. Com as calças de boca larga foi a mesma coisa, idem com as "skinner", que são horríveis de vestir, principalmente para quem calça acima de 43, como é o meu caso.

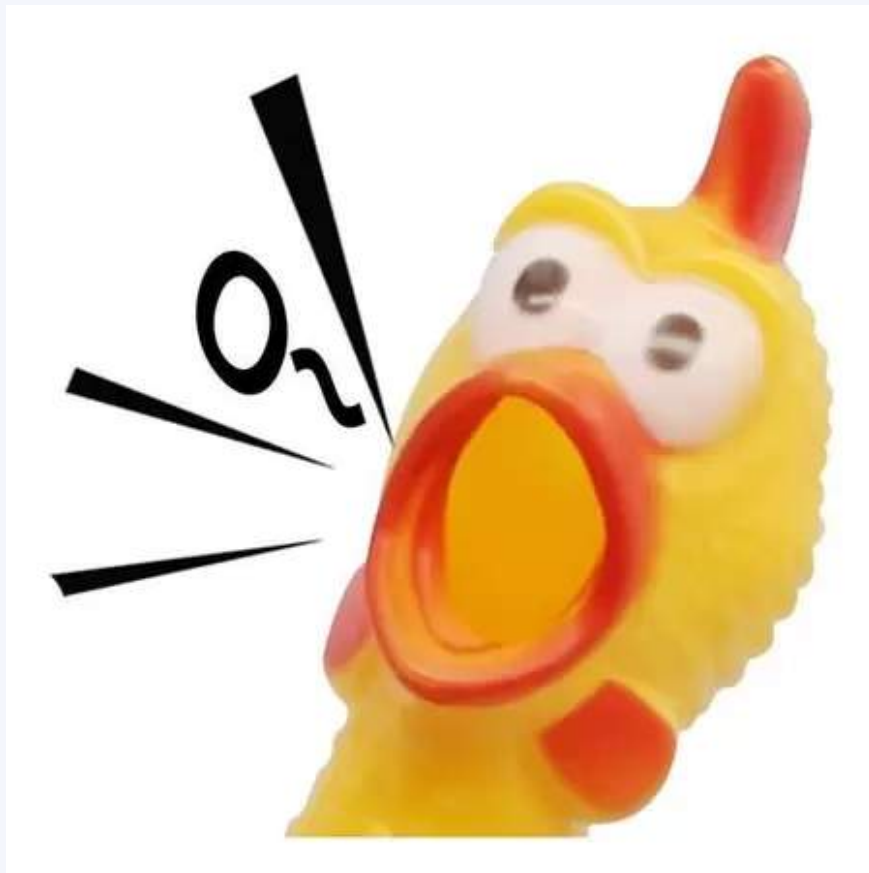
Entre as mulheres, a moda agora é a transparência. Algumas delas colocam uns vestidos de plástico de encapar caderno, sem nada por baixo, e saem para a balada, na maior naturalidade. E aí de quem falar alguma coisa com elas: é processo na certa.

Vou tentar relançar a moda da leitura. Posso começar andando pelo shopping, observando atentamente o conteúdo de um livro nas mãos. Na verdade, as pessoas irão estranhar, pois a maioria nem sabe o que é um livro. Só leem uma ou duas linhas das fofocas que aparecem nas redes sociais. A moda agora é ser burro.

ela não é a mãe do Pintinho Amarelinho, mas é uma

GALINHA!

A Revista Bulunga foi o primeiro veículo de comunicação de massa a conseguir entrevistar representantes da fauna deste país, começando por um Burro, passando por um Bagre e até um Cachorra, mas desta vez a escolhida foi uma Galinha, daquelas banquinhas, criadas em granjas, um dos exemplares mais consumidos em todo o mundo, podendo ser degustada assada, frita na chapa, empanada, em forma de nuggets, stroganoff, misturada no salpicão, entre outras inúmeras opções. Mas é bom mudarmos de assunto, pois acabei me entusiasmando um pouco e nossa entrevistada não está me olhando com uma cara muito boa.



BULUNGA – É um prazer podermos entrevistá-la na edição deste mês. Sabemos o quanto o seu tempo é corrido.

GALINHA – Certamente. Nossa espécie tem tempo de vida bem curto. Com algumas poucas semanas, somos infladas com hormônios de todos os tipos para ficarmos grandes e vistosas. A maioria de nós mal

consegue chegar na adolescência antes de ser “consumida”.

BULUNGA – É uma situação lamentável. Aproveite que a Revista Bulunga é mundialmente famosa para poder denunciar às autoridades.

GALINHA – Denunciar? Vocês não



conseguem nem mesmo denunciar os abusos de um ditador que está aterrorizando o país e acredita que uma simples galinha poderá reivindicar os seus direitos fundamentais? Esqueça! Além do mais, ninguém lê essa sua revista.

BULUNGA – Aí você pegou pesado. A minha mãe lê. Pelo menos é o que ela diz.

GALINHA – Sinto dizer, mas ela pode estar sendo apenas “coruja”...

BULUNGA - O que você acha desse negócio de ver sua espécie em exibição na chamada “televisão de cachorro”?

GALINHA - Imagine VOCÊ vendo os seus parentes e amigos empalados, totalmente nus, sendo girados e assados lentamente em um desses aparelhos...

BULUNGA - Não ia ser legal... Principalmente se fosse com a minha tia Hermínia: ela é extremamente gorda e feia: seria uma cena surreal.

GALINHA – Não entendo como você conse-

gue fazer piada de uma situação dessas.

BULUNGA – Desculpe-me. Vou evitar essa espécie de brincadeira. Vamos lá: vocês quase se arrepentam para botar um ovo, para depois verem os humanos comendo seus deliciosos omeletes. Não é frustrante?

GALINHA – Isso é relativo. A grande maioria desses ovos não é fecundado. Não daria em nada. É como a ovulação de suas fêmeas. E o processo é tão dolorido quanto o nosso, ou mais. No nosso caso, dói só na hora. Com as mulheres, após a ovulação, quando a mulher não é embuchada, há um forte sangramento seguido por dor intensa que pode durar de quatro a cinco dias. Às vezes mais. Prefiro botar ovos.

BULUNGA – Vocês não se incomodam com a utilização, pelos humanos, do termo “galinha” para classificar mulheres fáceis ou homens promíscuos?

GALINHA – Partindo dos seres humanos, nada nos assusta. Freud já dizia que o maior problema da humanidade é o sexo. O sexo mal resolvido, feito com culpas, traumas, tabus, crendices, rituais bizarros. Os humanos são muito estranhos, cheios de taras malucas. Já ouvi dizer que alguns, na hora do sexo, utilizam fantasias de galinhas e saem dançando aquela “dança do passarinho”, o que não tem nada a ver uma coisa com a outra, concorda? Já com os galináceos, é bem mais simples: é pá e pimba.

BULUNGA - A relação sexual entre os seres de sua espécie é bem violenta... o macho chega por cima, imobiliza a vítima, dá-lhe bicadas na cabeça e no pescoço. É quase um estupro. Não existe um movimento feminista que possa conter esses abusos?

GALINHA – Obedecemos aos nossos instintos. Sempre foi e sempre será assim. Essa é a forma de nos reproduzimos. Não somos como os humanos, que inventam

uma frescurada danada, uma série de rituais e contraprestações financeiras para praticarem um ato que deveria ser instintivo. E acabam se cansando e invertendo tudo, os machos preferindo se acasalar com outros machos, e as fêmeas, com outras fêmeas. Isso acarretará o fim da sua espécie.

BULUNGA – Podemos perceber que você é cheia de convicções. Não quer aproveitar esta oportunidade para externar para o mundo o seu descontentamento?

GALINHA – Como já disse, esta sua revista é muito pouco popular e não faria efeito. As raras pessoas que acessam o seu site mal conseguem clicar nas capas e folhear os exemplares, passando o dedo da direita para a esquerda ou vice-versa. As raríssimas que conseguem, leem um ou outro texto mais acanhado e fica por isso mesmo. Ah, mas tem a sua querida mãezinha, que é uma leitora assídua...

BULUNGA – Dispensio a ironia. Sei muito bem desses problemas e asseguro que estão sendo totalmente solucionados.

GALINHA - Vocês já entrevistaram um burro, um cachorro, um bagre, e agora uma galinha... estão faltando seres humanos interessantes?

BULUNGA – As pessoas estão começando a se cansar de entrevistas. Com esse advento do podcast, banalizou. Um entrevistado participa de dois, três, dez, vinte programas e repete as mesmas perguntas e respostas. Por isso, resolvemos entrevistar animais como você.

GALINHA - E se vocês cobrassem caro pela revista? Já pensaram nisso? Mil reais cada exemplar. É isso que fazem os produtores de artigos de luxo. Eles colocam os preços lá na estratosfera e aguardam para ver se funciona. Isso aguça a curiosidade das pessoas. Quanto a vocês, se der errado não

vai atrapalhar nada, pois ninguém vai ler mesmo...

BULUNGA – Assim você avacalha com a gente. Nós somos gente boa. Só um pouco debochados e rabugentos, mas somos limpinhos.

GALINHA – Pelo menos, vocês sabem ler e escrever o básico. Já é alguma coisa. A maioria dos brasileiros é funcionalmente analfabeto de pai, mãe e parteira. Por isso não conseguem ser o povo mais próspero do mundo.

BULUNGA – Você fala mal da gente, mas se esquece da China, que é a maior consumidora de carnes da sua espécie.

GALINHA - A “inteligência” humana é baseada no morticínio. Veja o exemplo do ditado popular, conhecido desde os tempos de sua bisavó: “um pouco de prudência e caldo de galinha não faz mal a ninguém”. Isso não faz o menor sentido. Prudência é necessária para todos, inclusive para a nossa espécie, que deveria evitar a cair em suas armadilhas. Mas caldo de galinha? O que tem isso a ver?

BULUNGA – Realmente, poderiam falar em caldo de boi, de porco, de carneiro, de mexilhões... hummm, deu até água na boca... Mas não foi pelo caldo de galinhas, juro!

GALINHA – Você não entendeu mesmo nada...

BULUNGA – Mas é claro que entendi!

GALINHA – Não entendeu. Eu estava falando de mortes, bilhões de mortes de inocentes animais, para tentar aplacar a ganância proteica de uma população humana decadente.

BULUNGA – Mas não são só os humanos que consomem proteína de origem animal...

GALINHA – Não é sobre isso que estou falando. Você está me ouvindo?

BULUNGA - Eu OVO!

GALINHA – Você é um babaca!

BULUNGA – Mas os humanos dependem de proteínas para se desenvolverem. Você não tem PENA das criancinhas?

GALINHA - Que trocadilho mais idiota! Você tem certeza de que realmente é um jornalista? Como tirou o seu registro?

BULUNGA – Foi por Decreto. Nas faculdades eles ensinam os alunos a seguirem exatamente o formato da cartilha, e formam milhares de paspalhos todos os anos. Optei por um trabalho mais criativo.

GALINHA – Quanta criatividade! E lança uma revista chamada Bulunga. O nome é um sucesso! E que sucesso...

BULUNGA - Desculpe-me, não era para se ofender. É que, nesta revista, sempre procuramos ser engraçadinhos, mas é uma PENA que não conseguimos.



GALINHA - Humor de 5ª série...

BULUNGA – Apudescludes...

GALINHA - O que você disse?

BULUNGA - Prrrrrrrrrr... (gargalhadas)

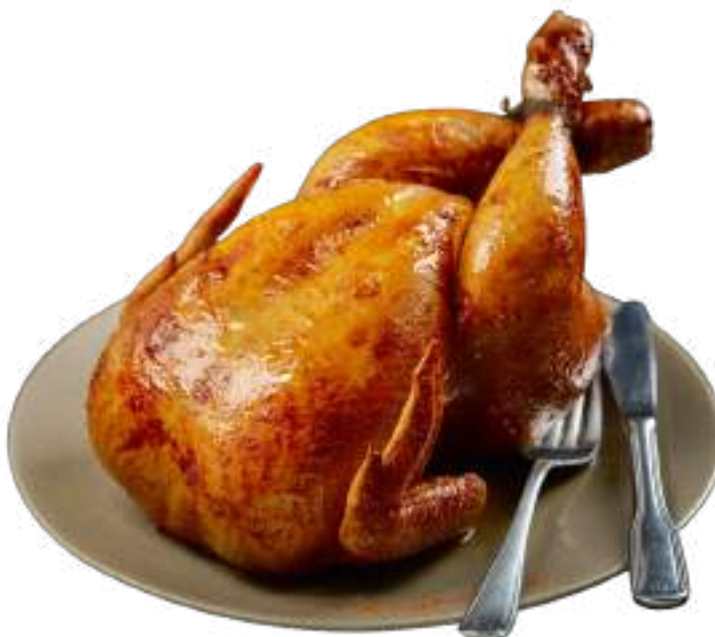
GALINHA - É uma PENA que não trouxe a minha 9 mm... Faltou perguntar se eu me especializei em Direito PENAL.

BULUNGA - Esta seria a próxima pergunta.

GALINHA – Gênio! Acabou a entrevista.

BULUNGA – Espere! Ainda não falamos sobre a gripe aviária!

GALINHA – Vá se lascar!





LUCILLE BALL

Guido Malaparte

Lembro-me de passar as noites, semana sim, outra também, a assistir “I Love Lucy” e me deliciar com as trapalhadas da ruiva (em Tv’s monocromáticas, imaginava-a loira), Lucy, do marido cubano, Rick, e o casal de amigos mais velhos, Fred e Ethel. Basicamente, os episódios eram conduzidos pelos quatro, mas havia personagens secundários e suas aparições curtas a empreender uma atmosfera mais casual. Por falar nisso, a despeito da aparente simplicidade da Sitcom, existia o cuidado nos roteiros em serem engraçados, e de fato eram, sem ser vulgares ou apelativos, muito diferente do que se passou a considerar “humor” por estas plagas, nos dias atuais, onde a baixaria, a profusão de palavrões, o apelo a todo o tipo de grosseria e

constrangimento tornou a diversão quase impossível, e os humorísticos em algo sem graça e sem riso.

Existe uma cinebiografia (nem tanto assim) do casal Lucille Ball e Desi Arnaz, na Amazon, e vale muito a pena assistir e conhecer um pouco sobre a vida privada e o momento conturbado pelo qual passaram, antes do divórcio. Mas vamos ao que interessa.

Lucille Désirée Ball, nasceu em Jamestown, Nova York, em 1911. Oriunda de família Batista, aos três anos mudou-se com os pais para Anaconda, Montana, e posteriormente para Trenton, Nova Jersey. Com a morte do pai, mudou-se com a mãe e o irmão para Nova York, onde o tio Fred, entusiasta do teatro, impulsionou a sobrinha a seguir a carreira no show busi-



Dessa época, participou do filme “Teatro da Vida”, contracenando com Katherine Hepburn, Adolphe Menjou, Andrea Leeds e Ginger Rogers.

Casou-se, em 1940, com o ator, músico, arranjador e produtor cubano, Desi Arnaz, com quem teve dois filhos.

O embrião para alçá-la ao topo da carreira surgiu com a participação em um dos programas de rádio mais populares da América: The Favorite Husband, transmitido pela CBS. Lucille encarna-

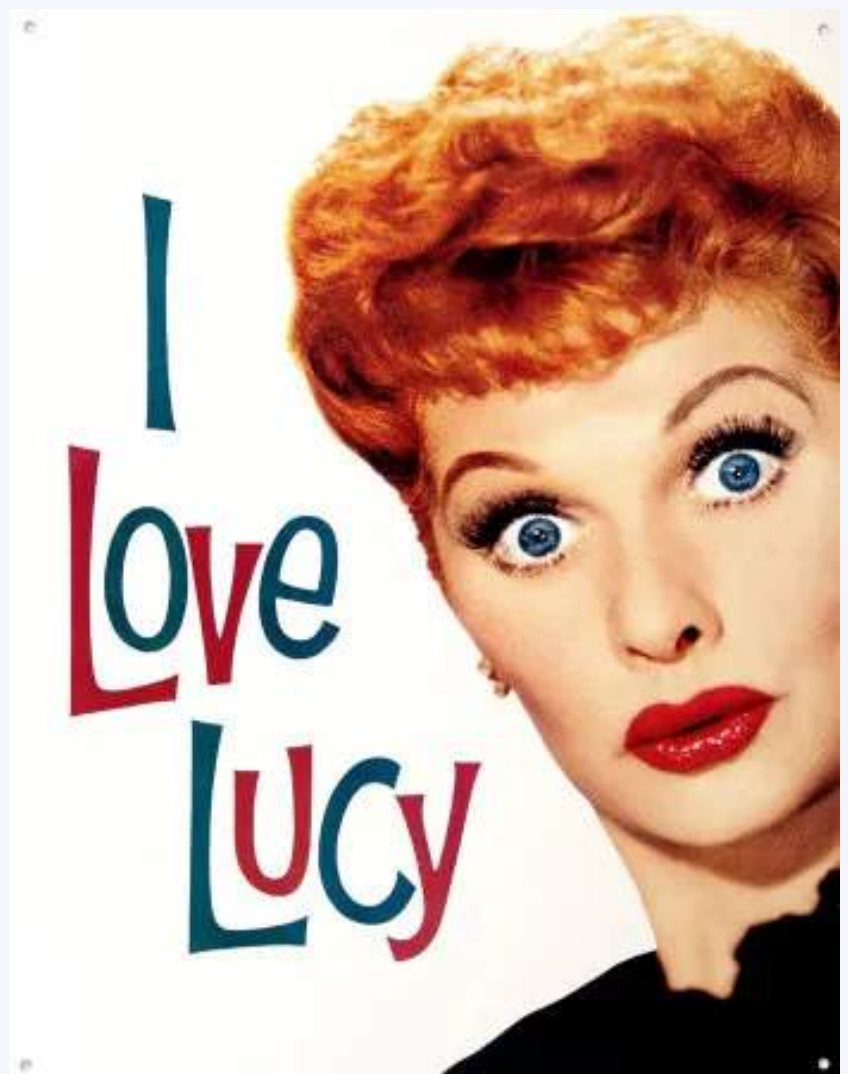
va a personagem Liz Cugat (posteriormente Liz Cooper), e o sucesso foi imenso a ponto de levar os executivos da emissora a desenvolvê-lo para a TV. Lucy aceitou a proposta de aprimorar o formato, desde que

ness. Mas a maioria das pessoas, diante das caras e bocas de Lucy, esquece-se da sua beleza; sim, ela era uma linda mulher, tanto que começou a carreira como modelo da Hattie Carnegie, aos 16 anos, enquanto participava de algumas peças de teatro e estdava na John Murray Anderson School, escola de artes dramáticas em Nova York.

A partir de 1933, muda-se definitivamente para Los Angeles, e ingressou na indústria cinematográfica; inicialmente fazendo pontas e depois papéis secundários em filmes “B” Noir, quase sempre como a “Femme fatale”: alta, esguia, olhos azuis, cabelos ruivos (naturalmente eram castanhos), e o domínio da cena a exemplo das grandes divas da época chamaram a atenção dos executivos da RKO, e, entre grandes nomes com os Três Patetas, os Irmãos Marx, Fred Astaire, Ginger Rogers, atravessou a década de 1930 sem jamais ser protagonista.

Mudou-se para MGM, mas trabalhou para outros estúdios, como a Universal Pictures, onde teve atuações de destaque, sem contudo desenvolver e expressar todo o seu potencial criativo.

va a personagem Liz Cugat (posteriormente Liz Cooper), e o sucesso foi imenso a ponto de levar os executivos da emissora a desenvolvê-lo para a TV. Lucy aceitou a proposta de aprimorar o formato, desde que





tempos, perdendo apenas para Seinfeld. Durante a exibição, concorreu a 22 prêmios Emmy, e venceu em 5 vezes. Em 2023, a revista Variety o escolheu como o melhor programa de todos os tempos. A lista de premiações não para, que o digam a revista Time e o jornal Washington Post, entre outros. Muitos métodos utilizados à época pela série ainda são utilizados em produções atuais. Reconhecidamente, I Love Lucy foi um marco na história das comédias televisivas.

Por conta das questões étnicas, o

o marido também fizesse parte do projeto. A direção da CBS não considerou viável uma americana ruiva casada com um cubano aparecer em horário nobre; o público

certamente não admitiria tamanha ousadia.

Entretanto, o que se viu a partir da estreia, em outubro de 1951, foi o estrondoso sucesso. Lucille havia, em uma tacada, alcançado o estrelado (tornou-se também a primeira mulher a ser dona de uma produtora) e sustentado o casamento, que perigava terminar dadas as muitas divergências de horário. Ambos, ao colaborarem para o mesmo projeto, através da empresa Desilu, passaram a conviver mais intensamente. Vivian Vance e William Frawley foram contratados para compor o quarteto central da trama.

I Love Lucy], foi o programa líder de audiência da TV americana em quatro dos seis anos em que esteve no ar, de 1951 a 1957. De 1957 a 1960, especiais de uma hora foram produzidos a fim de não deixar totalmente órfãos os fãs. Também foi eleito, em 2002, pela revista TV Guide, o segundo melhor programa de todos os

nome original da apresentação seria “Lucy & Rick”, mas a CBS decidiu pelo título I Love Lucy, e Arnaz, com seu humor peculiar, diria: só aceito porque eu sou o “I”.



Por conta do parentesco com o tio comunista, e por supostamente apoiar o Partido Comunista em 1936, Lucy foi investigada pelo Comitê de atividades antiamericanas, presidido pelo senador Joseph McCarthy, por isso chamado vulgarmente de Macartismo. Ela deporia na comissão conjunta do Senado e do FBI. O comitê a considerou inocente. Entretanto, na manhã seguinte, estampava-se a manchete: “Lucille Ball é vermelha”. Desi Arnaz então convocou jornalistas e repórteres para o set de filmagens, e diante das câmeras saiu em defesa da esposa, ao afirmar: “O único toque vermelho de Lucy é o seu cabelo e, mesmo assim, não é legítimo”. Existem relatos de Arnaz ter colocado, no viva-voz, o então diretor geral do F.B.I., J. Edgar Hoover; perguntado sobre a situação de Lucy, respondeu: “Ela foi inocentada de todas as suspeitas”; no entanto, não existem registros dessa conversa ser verdadeira¹.

Foi a primeira atriz a interpretar grávida na TV (e, em consequência, engravidar também a personagem) culminando com a exibição do parto para 44 milhões de espectadores, em 1953, algumas horas após ela mesma dar à luz ao segundo filho, Desi Arnaz Jr.

Após o divórcio com Arnaz, em 1960, Lucy se tornou a única proprietária da Desilu, após comprar a parte do ex-marido. Emplacou, na década de 1960, outro grande sucesso “Lucy Show”, que durou até 1968. Produziu ainda sucessos como: Star Trek, Mission: Impossible, Family Affair e The Untouchables, entre outros.

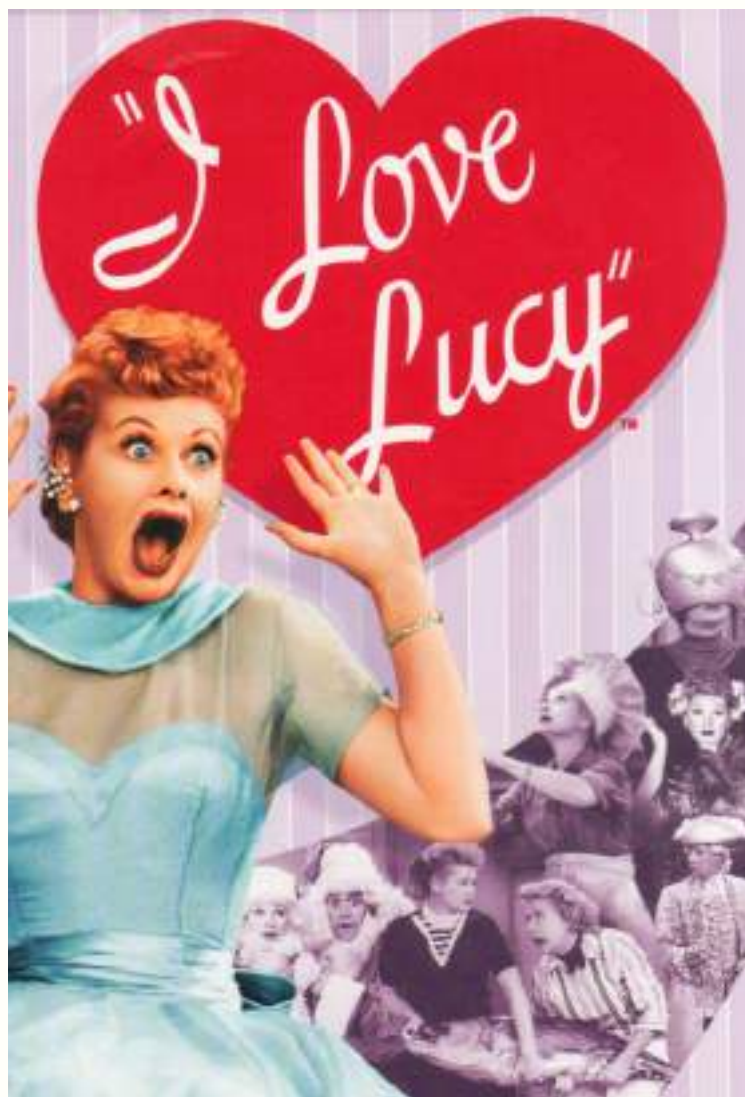
Faleceu em 1989, aos 78 anos, em decorrência de um segundo aneurisma na aorta.

Seu legado é fabuloso. Foi a primeira grande humorista feminina, em um universo de poucas candidatas, ainda hoje; e, certamente, pelos inúmeros reconhecimentos mundo afora, permanece com o título da maior, ao menos na televisão. Notabilizou-se pela graça quase inocente, despretensiosa, mas capaz de rir

de si mesma sem melindres ou censuras. De beleza incomum, não se apegou a ela para alcançar o estrelato. Além de participar, juntamente com Arnaz, de todo o processo criativo e produtivo do show.

É impossível, mesmo em tempos do politicamente correto, da provocação gratuita, e do despudor acintoso, não rir e divertir-se com suas peripécias, ladeados por coadjuvantes talentosos e capazes de servir-lhe como grandes escadas. Ela sabia, como ninguém, atingir o grande público e harmonizar os seus talentos com o gosto popular, sem abandonar o feeling de julgar e avaliar propostas e decidir como desenvolvê-las. Neste aspecto, Lucy e Arnaz foram pioneiros, inclusive em criar ou aprimorar técnicas não usuais para tornar as atrações rentáveis, produzidas com esmero e baixo orçamento. O entretenimento nunca mais seria o mesmo.

Ficam os 190 e tantos seriados de “I Love



Lucy”, outras dezenas de “Lucy Show”, e a certeza de que rir, e fazer rir o riso solto e franco, não é para qualquer um; na verdade, é para poucos. E Lucille Ball foi e será um deles.

FRASES:

“O segredo para permanecer jovem é viver honestamente, comer devagar e mentir sobre a idade.”

“Você vê muito mais seus filhos quando eles saem de casa.”

“Para sobreviver no teatro, você tem que ser bem forte, bem saudável e muito resiliente. Raramente alguém lhe fala uma palavra encorajadora.”

“Os filhos internalizam a infelicidade dos pais. Felizmente, eles absorvem nosso contentamento com a mesma facilidade.”

“Diga sim para tudo. Faça tudo que te peçam sem reclamar. Aprenda algo novo sobre seu trabalho todo dia. Estude muito, trabalhe mais ainda.”

“Na vida, todas as coisas boas são difíceis, mas a sabedoria é a mais difícil de conseguir.”

“Ama-te a ti próprio primeiro e tudo o resto se alinha. Você realmente tem que amar a si mesmo para conseguir fazer qualquer coisa neste mundo.”

“Sorte? Eu não sei nada sobre sorte. Eu nunca contei com isso e tenho medo das pessoas que o fazem. A sorte para mim é outra coisa: trabalho árduo e perceber qual é a oportunidade e o que não é.”

“Uma vez na vida, todo homem tem o direito de se apaixonar perdidamente por uma linda ruiva.”

“As pessoas ou são engraçadas ou não. Você não pode ensinar isso a elas.”

“A política deveria ser a profissão de meio período de cada cidadão que protegeria os direitos e privilégios das pessoas livres e que preservaria o que é bom e frutífero em nossa herança nacional.”

“Estou feliz por causar risadas, porque muitos me mostraram o valor disso em



tantas vidas, de muitas maneiras.”

“Saber o que você não pode fazer é mais importante do que saber o que você pode fazer. Na verdade, isso é bom gosto.”

“Aqui está o que eu aconselho a qualquer jovem atriz em dificuldades hoje: o importante é se desenvolver primeiro como mulher e depois como artista. Você não se prostituiria para conseguir um papel, não se estivesse em sua consciência. Você não será feliz, faça o que fizer, a menos que esteja confortável com sua própria consciência.”

“Quando você está muito bravo e abalado para ver direito, você está fadado a cometer erros. Você não pode passar anos se sentindo infeliz com uma situação e não deixar que ela mude você. Você chega a um ponto em que não consegue se suportar.

“Não creio que o trabalho árduo, a disciplina e uma atitude perfeccionista em relação ao meu trabalho tenham me causado algum dano. Eles são uma grande parte da minha maquiagem hoje, como qualquer um dos meus colegas de trabalho irá lhe dizer. E quando a vida parecia insuportável, aprendi a viver na minha imaginação e a entrar na pele das outras pessoas – habilidades indispensáveis para uma atriz.”

UM FEIO LINDO

um conto de **Michel Salomão**

Conheci um jovem que era feio. Muito feio. Desgraçadamente feio. Certo dia ele viu na internet a propaganda de uma clínica que realizava uns procedimentos milagrosos e resolveu apostar. Afinal, ficar mais feio do que já era, impossível. Resultado: ficou lindo. Mas tinha um problema: o procedimento só durava seis meses, e ele precisaria retornar à clínica para refazer os trabalhos, ou voltaria a ser como antes. Tudo bem, pensou: era como ir ao dentista.

O sucesso foi inevitável. Depois que ficou lindo, conseguiu um bom emprego. Em seguida, vieram as promoções: uma, duas, três, quatro. Sua retórica tornou-o irresistível, pois passou a ser extremamente confiante. Virou diretor da empresa, com direito a uma ampla sala e secretária. Comprou apartamento, carro importado, casa de campo, fez viagens internacionais, ia em todas as festas e aproveitou tudo o que tinha direito. E começou a namorar com uma moça linda. Mas os efeitos do produto que aquela clínica usava, que era um segredo de mercado, foram ficando cada vez mais fracos e, além disso, os preços dispararam, em razão dos aumentos do dólar, da crise internacional, das eternas guerras do Oriente Médio. Suas aplicações financeiras despencaram e ele teve que começar a vender seus bens para continuar lindo. Por fim, teve que apelar para empréstimos, com juros muito altos, e acabou ficando difícil quitar. Os gerentes ligavam, os agiotas ameaçavam, e a namorada, que a esta altura já se tornara sua noiva, o abandonou. Os amigos sumiram. Mas o importante é que continuava lindo.

Porém, a clínica fechou. Ele quase entrou em desespero no dia em que chegou ao velho endereço e encontrou as luzes apagadas. Tocou a campainha, bateu na porta, nas janelas, mas o imóvel estava absolutamente vazio. Ninguém dava notícia do que havia acontecido. Simplesmente, sumiu todo mundo. Tentou recorrer a outras clínicas e profissionais independentes, mas aquele procedimento era exclusivo, um segredo tirado das tumbas dos faraós do Egito, mas ainda assim ele saiu buscando em sites da internet, para ver se conseguia algo parecido. Conseguiu comprar na dark web um produto que dizia ser sobrenatural, e que teria sido usado por Frank Sinatra, reconhecidamente horrível quando era mais jovem, mas que ficou bonito depois de velho. Tentou repetir os procedimentos que tantas vezes viu fazerem na clínica, com aplicações de injeções de baixo para cima nas bochechas, em 75° nas pálpebras, um pouco mais rente à pele na testa, na ponta do nariz e no queixo, mas, por mais que se empenhasse, o resultado não ficou dos melhores. Gradativamente, foi retornando à feiura original, ou talvez tenha ficado mais feio do que antes. Foi demitido da empresa e até dois filhos que lhe haviam atribuído neste intervalo, cujas mães nem faziam ideia de quem eram, diziam que não tinham pai feio e se recusaram a vê-lo novamente. Ficou totalmente sozinho e passou a dormir nas ruas. Nem os mendigos aceitavam se aproximar. Os cães vira-latas o desprezavam e mijavam em suas pernas. Até que um dia... (continua no próximo número).



Jorge F. Isah



Algo se aproximava, e Eriberto não sabia dizer o quê. Não eram passos ou pisadas. Muito menos arrastos. Por mais que estivesse em contato direto com o chão nada lhe dizia sobre o vir e acercar-se de algo ou algos. Não eram humanos. Ou mamíferos. Ou répteis. Muito menos aves. Parecia mais o vento a sacudir o solo, levantar a poeira, conduzir gravetos e folhas minúsculas. Apenas sabia, pressentia, estar às portas de um evento; presságio ou instinto, tanto faz. Não importava como discernia, sobre o que previa, se havia fato ou emoções a conduzi-lo, se a neurose e paranoia substituíram a razão e o bom-senso; a verdade é não poder evitar os tremores, o suor, os pensamentos e imagens a atropelarem-se entre sinapses, adrenalina, hiperventilação, taquicardia, midríase...

O dia não começara muito bem; acordou com uma dor na panturrilha direita e os olhos em um tom avermelhado. Sentia-se letárgico, a mover-se em câmera lenta. Gold, a calopsita, entoava um assobio preguiçoso e sereno; provavelmente acabara de acordar também, e imitava o jeito indolente do dono. Eriberto coçou-lhe a cabeça e deixou-se ficar mecanicamente nos afagos, enquanto a ave manteve-se paralisada e a revirar os globinhos. Pegou a tigela d'água, lavou-a e repôs o líquido fresco. Depositou-a aos pés de Gold; na verdade, tinha-o por macho, sem convicção. Afinal, após levá-lo a três veterinários diferentes, ouviu resoluções igualmente diferentes: macho, fêmea e andrógino. O último, teve vontade de partir-lhe a cara mas conteve-se, e recusou-se a pagar a consulta.

- Vou chamar a polícia! – Disse o médico.

- Chama! Enquanto isso, vou ligar para alguns amigos que se interessarão muito pela sua avaliação clínica. E certamente revirarão a sua vida de cabeça para baixo, especialmente quanto à sua formação profissional... – Eriberto falou calmo, mas decisivo.

- Ora, ora... Com quem pensa estar falando?

- Com um embusteiro e vigarista da pior espécie... Tenho sérias dúvidas quanto ao seu caráter e idoneidade.

- Pois bem, é o que veremos... – Deu as costas e fingiu revirar gavetas e papeis. Algumas dúzias de segundos, virou-se amuado, a expressão antipática. – Ainda está aí?! Feito poste?!... Caia fora! E não volte mais aqui!

Eriberto examinou-o detidamente, e não produziu qualquer resposta de imediato. Havia antagonismo, impulsos hostis e resistentes, e cada um tentou à sua maneira definir limites e território sem aquiescer remessos, e repelir investidas.

- Você não passa de uma fraude, um vigarista. – Disse por fim, ao pegar a gaiola e convergir à rua.

- Vai, vai pra bem longe, caloteiro. – Ouviu, ao fundo, o homem quase sussurrar por entre os dentes, como se temesse a própria fala e ela pudesse voltar-se contra si mesmo.

Gold pulou do poleiro para o seu braço e depois para o pote de ração e sementes de girassol que Eriberto acabara de colocar. Deixou-o, foi até a geladeira e abasteceu o copo americano com água. Tomou-a. Sentiu irradiar reflexos gélidos nos dentes, e a sensação de incômodo prolongou-se dos nervos da mandíbula até o crânio. O relógio marcava 6:14 h. A luz do dia penetrava difusa por entre as cortinas e nos contornos do blackout, quando ouviu estrondos na porta, acompanhados de reações verbais exageradas e ameaçadoras.

- Abra!!... É a polícia!!... Abra, em nome da lei!! – Podia-se notar mais de uma voz, quase um coro, a entoar sintomas entremeados de monotonia, agressivos e o despontar de agitação orgânica. Estaria ainda a dormir? Ou era o espasmo do filme assistido na noite anterior, antes de ir à cama?... Precisou de alguns segundos para absorver a situação, sem entendê-la, enquanto Gold voava alvoroçado para o alto da

geladeira, entre pios, grasnos e asas afoitas.

Abriu a porta.

- Eriberto?! – A mulher entrou e empurrou-o para o lado.- Vire-se! Está preso.

Eram dez ou mais homens com balaclavas, armas, coletes, rádios, capacetes e coturnos com os solados tão altos que fariam Davi parecer Golias; apenas a mulher era mais baixa, atarracada e irritadiça.

- O que é isto?! – Disse ao sentir o metal circundar-lhe os pulsos.

- Você está preso!! – Ela anunciou.

- Preso?!... Por quê?!

- Não interessa!!

- Como não interessa?!... Qual a acusação para esta arbitrariedade?

- Terá de conversar com o delegado. Apenas cumprimos ordens. E a ordem é para levá-lo algemado, por bem ou por mal... Então, não complique ainda mais a situação!

Ele balançou a cabeça. Recebeu um safanão, e voltou-se à porta, tempo suficiente para ver Gold voar por cima dos ombros, rente ao marco da porta, e ganhar o exterior.

- Gold!... Gold!...Volta!... – Ordenou sem sucesso, enquanto também atravessou o pórtico e chegou ao jardim, à procura do pássaro.

- Deixa de frescura e seja homem! – Ela não escondeu o deleite e o cinismo da circunstância.

Na rua, formava-se um pequeno grupo de vizinhos, a observar e cochichar, e, alguns mais corajosos a indicar a confusão.

Nisto, aproximou-se uma senhora de quase oitenta anos.

- O que está acontecendo? – Olhou para o preso que, olhos no alto, buscava o mascote.

- Isto não é da sua conta! – A oficial intimidou-a.

- Filha, tenha mais respeito... Eu podia ser a sua mãe ou avó...

- Ainda bem que não é!... Não interfira... Pode ser presa por desacato à autoridade. – Encarou-a, e a velha pode reconhecer que a ameaça não era vazia, mas provida de risco e atrevimento.

- Dona Ilda, por favor, veja se acha o Gold... Ele fugiu. A última vez que vi, estava indo para o abacateiro, e ele não pode comer abacate, pois... – Foi interrompido bruscamente.

- Cala a boca! Entra logo e não me faça esperar! – Sempre ela, e de novo, enquanto até mesmo os soldados se entreolhavam desconfiados.

A velha afastou-se, e de longe, de um lugar seguro, pode enfim reagir:

- Pode deixar! Nós vamos cuidar do Gold até voltar.

Ecoou-lhe à mente: voltar... Por que estava indo? Para aonde ia? Por quê? E quando voltaria?... O que diria ao chefe? E aos vizinhos? E à namorada? Será que entenderia o imbróglio?... Ou ficaria marcado pelas dúvidas e acusações, mesmo que nada pudesse ser-lhe imputado, mesmo que tudo não passasse de engano, a sua reputação estaria manchada? Para sempre? Não raro, presos, apesar de nada ter sido

confirmado, carregavam pela vida o simples fato de, no rol dos desmazelos estatais, tornarem-se estigmas e a carregar as manchas alheias como se fossem suas... A mulher o encarava insolente, atrevida, e tentou novamente travar uma conversa, mas ela foi enfática no intento do silêncio reinar a qualquer custo:

- Não quero ouvir a sua voz, senão... – Reforçou as palavras com o gesto de fechar o punho e batê-lo à mão espalmada.

Na delegacia, foi posto à cela, e em um par de semanas não recebeu visitas, não pode ligar a ninguém, muito menos acusaram-no de algo. Primeiro, gritou, esperneou, xingou e maldisse aquela gente. Em seguida, chorou de desespero por dois dias, até conformar-se de ter feito realmente algo gravíssimo, ainda que a mente lhe pregasse peça e não reconhecesse a denúncia, que não era alegação, talvez palpite, engano... talvez... Devia ser um tipo de autopreservação ou proteção, em que o consciente jogava no inconsciente seus pecados, vícios e crimes, como ouviu certos psicólogos explicarem na Tv. Aquilo chegava a importuná-lo de tal maneira, a produzir raiva, tensão, indignação consigo mesmo, que perdeu o apetite, não comia ou bebia, e definhava a olhos vistos.

Certa vez, em uma revista na cela, desmaiou e foi contido por um policial que o encaminhou à enfermaria. Lá, após exames, percebeu-se o seu real quadro clínico: estava às portas da inanição. Colocaram-no no soro e administraram vitaminas e outros componentes a fim de alimentar e fortalecê-lo. Três dias foram suficientes, e voltou à jaula revigorado. Teve delírios, falas desconexas, e um único pedido saía: “Qual fora o seu crime?”. Sem respostas, um agente ou outro, aqueles não contaminados pela frieza e apatia, dizia:

- Não podem saber que conversamos, entendeu?... Fica aqui entre nós, certo?... Mas a verdade é que nem a gente sabe o porquê de todos vocês aqui... É ordem que vem de cima, bem lá de cima, mas ninguém fala nada, a não ser que devemos ter cuidado, pois vocês são perigosos, terroristas, golpistas... Repetem isso em todas as reuniões semanais... O delegado ou o juiz sempre a reiterar: “Não se enganem com as caras de santinhos, de inocentes e inofensivos... São extremamente perigosos!”.

- É, deve ser verdade... Ontem, sonhei que fugia e estava armado, e atirei em vários de vocês... – Eriberto baixou a cabeça, e disse entre vexado e explícito. – Não queria ter sonhado isso... Deve ser sinal de algo muito ruim...

- É só um pesadelo. – O agente, sem convicção, tentou acalmá-lo.

- Sei não... No fundo, acho que não presto e mereço estar aqui.

Passou um mês, dois, três... quase um ano depois, Eriberto estava convencido da culpa. Os colegas de prisão tentavam dissuadi-lo, mas sem êxito. Cada vez mais estava obcecado em ser julgado e condenado definitivamente. Não suportava a indecisão dos tribu-

nais.

- Você não fez nada. – Alguém o confrontou.

- Quem garante?... Apenas o cérebro bloqueou, e não me lembro do que fiz. Mas com certeza fiz algo de grave... Sou um perigo iminente. – Ao contestar o argumento, sempre dizia do bloqueio, da mente trabalhar para esconder os delitos e aplacar a culpa, como se fosse outro ente e não ele mesmo, e assim ao desaprová-la estava certo de não ser inocente e puro como o diabo na sua cabeça tentava convencê-lo.

- É melhor encarar de frente, e não se esconder nos tortuosos caminhos da inconsciência e dissimulação.

- Repetia a cada conversa, e muitas vezes sozinho, em um solilóquio que se impingia diálogo.

- Por mim, faria greve de fome, mas alguém pode achar que é protesto contra a prisão, quando eu queria mesmo era livrar o mundo de um tipinho como eu... Mas também quero estar forte o suficiente para cumprir toda a pena que me será imposta, e atender o dever cívico de pagar pelas minhas agressões.

Depois desse dia, ninguém mais se aventurou a questioná-lo. Na verdade, não mais conversavam; e ele pareceu satisfeito consigo mesmo e seus monólogos cada vez mais longos e alucinados.

- Não há perdão para mim!... Eu fiz algo muito grave... Mereço a morte... Se não me matarem, mato a mim mesmo... Não, não posso fazer isso... Preciso ser obediente às autoridades e cumprir a pena imposta... Não, me matar seria um escape... E fugir das minhas responsabilidades é trair a pátria, trair a confiança das instituições, é sabotá-las, e me fazer de vítima diante dos males que fiz...

Toda a audiência balançava a cabeça ou rodava o indicador ao redor da orelha, e ninguém tinha dúvidas de Eriberto estar louco, incitado pela necessidade de culpa ou transferindo-a de algum outro evento psicológico para o atual. Seria ele o novo Raskólnikov? A aliviar-se apenas no confessar o crime e aspirar o castigo? Nesse caso, ele tem algo a denunciar? Ou as circunstâncias o desnorream e, perdido na indefinição, quer-se criminoso para justificar o cárcere?... Essas eram duas entre tantas elucubrações e análises, a fim de gastar o tempo e gastar-se na defectibilidade dos acórdãos, súmulas, pareceres e sentenças.

- Vamos criar um tribunal e julgar o Eri, assim, quem sabe, ele cai na real? – Alguém propôs em tom de zombaria. A maioria gostou, e os cargos foram distribuídos segundo disputa de “dois ou um”. Outro sugeriu o “pedra e papel”, mas foi recusado por ser americano demais e pouco brasileiro. O tribunal constituiu-se, e Eriberto se sentou finalmente no banco dos réus com um ar de satisfação e agrado, quase deleite.

- É aqui que eu devo estar.

- Vamos acusá-lo do quê? – O juiz inquiriu.

- De ser antidemocrático e extremista... o que acha?

- Tanto faz. Qualquer coisa serve.

A audiência começou. Primeiro, falou o promotor.

Depois, o advogado de defesa. Mas o juiz, impaciente, não quis ouvi-lo.

- Mas eu preparei um discurso, meritíssimo!

- E daí?!

- Eu não pedi defesa. – O réu se pronunciou.

- Viu! – O juiz interveio. – Sente-se, por favor!

Entre protestos e rompantes que levou quase todos às gargalhadas, o defensor sentou-se emburrado, desiludido no silêncio, justo ele que era um falastrão incorrigível e obstinado.

Deliberou-se por dias, em rodizio de juízes, promotores e defensoria, esses últimos sempre em silêncio. O réu cada vez mais convicto dos seus crimes, interpelava agastado:

- Por que não me condenam logo? Não veem que sou mais do que culpado? O que estão esperando?

Alguém o acalmava, e dizia:

- Está perto... Estamos quase lá. Não se afobe. A justiça tem o seu próprio curso.

Aquietava-se, mas, no íntimo, não via a hora de receber a sentença e cumpri-la no rigor da lei. Assim imaginava, assim queria, assim ansiava, assim presumia.

Quando a coisa perdeu a graça, trataram logo de desfazer a alta corte.

- Como assim?! E a sentença?!

- Eri, você é inocente.

- Não admito isso! É ultrajante o que estão fazendo. Vocês são a vergonha da magistratura! O achincalhe da nação!

O pessoal se afastava, mas ele ia a um, a outro, ali e acolá, sempre a perturbar os humores, em busca de justiça para os seus crimes. Depois de algum tempo, ninguém suportava mais os lamentos, discursos, acusações e insultos proferidos, e decidiram dar fim àquela situação. Retornou-se o plenário, e prosseguiu o veredito. Eriberto Alves da Silva foi condenado à pena capital: morte por eletrocussão. Efusivo, o réu elogiou os juízes e promotores. Restou à defesa o olhar de censura.

- Vocês quase põem tudo a perder! – Disse agastado.

Em meio aos gritos de “hurra!”, novas felicitações e brados de “justiça afinal!”, foi chamado por um agente.

- Eri, o delegado quer vê-lo.

Naquele momento, teve a certeza de a pena se cumprir, e despediu-se de cada um dos demais colegas.

- Vocês não sabem como estou aliviado!

O delegado não disse muito, apenas de que estava liberado.

- Como assim?! O que isso quer dizer?...

- Você está livre. Pode ir para casa.

- Voltar?!... Sem mais nem menos?!... Acabei de ser condenado à morte na cadeira elétrica!... Exijo que a pena se cumpra!

O delegado já ouvira falar dos delírios e ímpetos do preso. Achou que fosse conversa mole da guarda e não passar de lero-lero. Agora, contudo, a fama caía-lhe bem: o homem era louco de pedra.

- Não existe pena de morte no país e, além de tudo,

você não foi sequer indiciado, quanto mais julgado.

- Mas e o tempo em que estive aqui?... Tem de ter um motivo, uma razão.

- Isso não é comigo. E saía logo, antes que eu o prenda de novo por desacato e perturbação da ordem.

Entre queixas, promessas e cobranças, um agente arrastou-o pelo braço, entregou-lhe os pertences, e colocou-o na rua. Durante horas, ficou a zanzar na porta, às vezes a gritar, às vezes a resmungar, às vezes em silêncio, em busca de explicação... inconformado e buliçoso.

- Por isso o país não vai pra frente! A impunidade

crassa!... Onde já se viu um bandido feito eu sair livre pela porta da frente? Corruptos! ... Neste país não existe justiça!

Levado por um camburão, foi jogado em um lote vago na periferia, próximo ao lixão. Por lá ficou, estirado, choroso dos rumos que o país tomava, do pouco caso com a lei e a ordem, e a considerar o mal vitorioso. Os tempos se passaram: chuva, sol, névoa, frio e calor. Não ouvia. Não via. Sentia. Ou tocava. A esperar uma intervenção, enquanto o zumbido intercalava-se às emulações e sensações de a natureza ser capaz de agir onde os homens não mais agiam.

HUMOR



O dedicado discípulo pergunta ao poderoso mestre:

- Mestre, o que é a verdade?

- A verdade é aquilo que somente eu posso ver.

- Mas, mestre, o senhor é completamente cego!

- Não importa! Quem disser que não é verdade sentirá a fúria dos meus golpes de Kung-Fu. E você suma daqui, gafanhoto.



PRINCESA

crônica de **MICHEL SALOMÃO**

A menina entrou no elevador com a sua babá, e trajava um vestido de princesa. Como eu sei que era um vestido de princesa? Porque se parecia com um: era azul, tinha uns babados e outras coisas que só os vestidos da realeza tem. Eram assim nos desenhos da Disney, mas acho que esse que a menina estava vestindo era igual ao da Frozen, a chatinha animação feita totalmente por computadores, mas que, ainda assim, fez muito sucesso. Acontece que a menina do elevador era muito linda, cabelos louríssimos, olhos azuis como o céu, e irradiava inocência, nos seus aparentes quatro anos, o que me levou a puxar assunto com ela.

- Que princesinha mais linda! – disse eu, todo vovozão.

Ela ficou me olhando durante alguns longos segundos, e de repente fuzilou:

- E essa sua barriga?

A babá ficou toda desconcertada, mas eu não me alterei, pois tinha um raciocínio rápido e respostas na ponta da língua, e falei:

- Eu comi o Lobo Mau! – e bati na pança, para dar mais veracidade à afirmação.

Lobo Mau era coisa do passado e, possivelmente, ela nem conhecia essa história maluca de uma menina que usava uma capa vermelha com capuz, mas as pessoas insistiam em dizer que aquilo era um chapeuzinho, mesmo não sendo, e a trama era muito esquisita, pois o lobo sádico poderia facilmente ranger a menina logo que a viu, caminhando sozinha, no meio da floresta, mas preferiu ir até a casa da vovó, papar a velhota e tomar o lugar dela na cama, só para a menina ter que fazer aquelas perguntas idiotas do tipo “nossa, vovozinha, para que essas mãos tão grandes,

para o lobo responder “é para te tocar melhor”, e ela: “para que esses olhos tão grandes?”, e o lobo “é para te ver melhor”, e ela: “pra que esse nariz tão grande?”, e o bicho: “é para te cheirar melhor”, e a idiotinha: “pra que essa boca enooooooooorme?”, ao que o malvado daria o bote final: “é para te comeeeeeer”!

Mas aí chega o caçador e mete o balaço no peludo, porque naquele tempo não tinha essa conversa de politicamente correto, e as pessoas atiravam o pau no gato, iam na fonte do Tororó beber água, viam os escravos de Jó jogarem caxangá, entre outras aventuras emocionantes, mas atualmente as pessoas só querem palpatar sobre todos os assuntos em suas páginas no Facebook, no Instagram e no Youtube, para depois entrarem com processos judiciais direto em Brasília.

Mas vamos à questão da barriga: tenho 1.85m de altura e peso 102 kg bem distribuídos na parte inferior do tórax, o que me rendeu apelidos como baby hipopótamo e filho do Obelix, mas não ligava para essas brincadeiras, apesar de aquele episódio ter mexido um pouco com o meu ego.

No dia seguinte lá estava eu na academia do prédio, disposto a suar alguns litros, mas não aguentei mais do que cinco minutos na esteira. Confesso que fiquei um pouco humilhado ao ver aqueles sujeitos sarados levantando uns pesos absurdos, acompanhados de seus personal trainers arrogantes, que me olhavam com um misto de curiosidade e comiseração. As mulheres, com suas roupas extremamente colantes, revelando detalhes de sua anatomia íntima, deviam pensar “quem é esse velho?”, mas percorri alguns aparelhos, fingi que estava apenas fazendo uma fiscalização de rotina e saí com simulada dignidade.

Subi, exausto, os três andares de elevador, porque não sou louco de ir de escada, e fui preparar um hambúrguer com duas carnes, dois ovos, queijo cheddar, abacaxi, alface e tomate, porque ninguém é de ferro. E a menininha Frozen, os bombados e as gostosas que me esqueçam.



KÁLAMOS

www.kalamos.com.br

coluna do

ClodoKill

Fernandes

Penacho do urubu

Desde o início desta conceituada e perene revista ficou acordado a não inclusão de pautas políticas nas edições. Quando nos referimos a política estamos a falar de política partidária, governos, e as suas bizarrices, pantomimas e ridículas tentativas de enganar e disfarçar todas as orquestrações desafinadas de candidatos, pleiteadores, graduados e a assembleia de macacos a estender ora a mão esquerda, ora a direita, enquanto o curto-circuito cerebral recebe a quase totalidade de sinapses das virilhas e glúteos, e, enfim, aperta a tecla na urna eletrônica.

Naquele evento, há longínquos dois anos, a reunião era composta por uma maioria trajando verde e amarelo, alguns de vermelho, e outros de branco. E o que isso quer dizer? Absolutamente nada, tolinho!

Entre discussões, cafezinhos e pão-de-queijo, as altercações arrastaram-se por horas e horas, e nada ficou decidido. No limiar da ruptura inevitável, uma voz moderada, sábia, democrática e conciliadora proferiu: “Chega de lenga-lenga! Não falaremos de política e ponto final! É pegar ou largar!”. Diante da contundência do argumento, todos se calaram, se despiram dos seus trajes patrióticos ou não, a depender de quem ler, e balançaram as cabeças em apoio.

Após 27 edições primorosas, diante do caos e do proxenetismo institucional e governamental, algo a perdurar nos últimos 134 anos, não nos restou outro caminho a não ser tratar da indefectível política nacional, ou como diria os mais sensatos: a caçada inflexível ao perpétuo fracasso. Entre discussões acaloradas, brigas, agressões verbais e físicas, xingamentos, despautérios, pirraças, traições, complôs e toda

a sorte de deformidades entre corruptos e corruptores, ora um, ora outro, e vice-versa, com raríssimas, quase imponderáveis exceções, a regra é o circo, o bate-boca, a arruaça e histrionismo típico de dementes ou fanfarrões de terno e gravatas, saias e conjuntinhos blasés. Em nome da ordem, faz-se o caos. Em nome da verdade, a farsa descamba. Em nome do patriotismo, faz-se apátrida. Em nome da honra, faz-se escândalo. Em nome da justiça, a ilegalidade arbitrária e imoral. Pode-se condenar todos? Nem todos. Pode-se salvar alguns? Talvez. A verdade é que o espelho deste país desafortunado de homens, mulheres e outras coisas é inominadamente asqueroso e maldito, se me permite avocar.

Dadas as excentricidades públicas, para se dizer o mínimo, e das privadas em geral, de agora em diante nos dispomos a denunciar as tramoias, conchavos, futricas, omissões exageradas e decisões limitadas ou paliativas, que em nada promove a saúde genérica e individual, a resistir apenas nos paraísos fiscais, transfigurais e genitais sustentados pelos impostos, taxas e maracutaias inabaláveis. A menos que sejamos proibidos, extorquidos (não existe provisão para essa despesa) ou subornados (não venham com bagatelas e propostas descabidas, por favor!), não nos calaremos! Ainda mais que, dada a patética estrutura nacional, jamais seríamos capaz de superá-la, por mais que nos esforcemos, por mais que nos rebaixemos.

Resta-nos seguir o curso de vermelhos e canarinhos; ou esperar a chegada de alienígenas, a pôr fim em tudo sem precisar de nada... Afinal, de nada, estamos cheios.

DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

O CONTRASSENSE DA LOUCURA

Acho, não, tenho certeza: está na hora de reconhecer os fatos. Afinal, cabelos brancos surgindo no antebraço e nas costas das mãos, sem mencionar os lugares que nem ousa conferir, e o interesse aguçado em ver os detalhes das jovens e belas (não abrindo mão se não forem inteligentes), são certamente alguns sinais, além de algumas manias, das quais ainda falarei; mas só de algumas.

Hoje, fui pegar a carteira que fica sempre estacionada na mesma gaveta, no mesmo canto, virada para o mesmo lado, e peguei outra coisa, um frasco de remédio. E foi então que me dei conta de haver esquecido completamente o vidro ali, lacrado, havia meses, mas sequer precisei dos seus efeitos, para o bem ou para o mal. Depois, abandonei a gaveta e me dispus a enfrentar a velha, dura e insensível rotina; as costumeiras obviedades, sem me dar conta. Esses são reflexos, quase instintivos, como cutucar uma ferida e em seguida lá vem a dor. Talvez haja algo pior, ou nem tanto: a minha crescente antissociabilidade. Me incomodava, havia alguns anos, os empurrões emocionais do pastor da minha igreja desde que o conheci, o carinhoso Márcio Valadão, a dizer: “abraçe o seu irmão!”. Embora seja uma atitude louvável e amistosa, demonstrando abertura e receptividade a pessoas que ingressem em nosso convívio, eu detestava, sempre detestei, e detesto mais ainda! Não quero sorrir para um desconhecido, alguém jamais visto, gordo ou magro, a cruzar fortuitamente o meu caminho, para, logo em seguida, no estacionamento, não me reconhecer.

Nos ônibus, procuro as cadeiras solitárias, amarelas, por direito a um sessentão como eu, na certeza de que nenhuma “dona maria” há de falar, por todo o trajeto, as novidades do WhatsApp, temas que jamais aguçariam a minha curiosidade, por serem patéticas e demonstrarem, como numa radiografia, que existe gente medíocre, idiota, mesquinha e metida a besta nesse país, e como não se cansam de se reproduzir.

No restaurante, procuro as mesas isoladas, onde não esteja sujeito ao incômodo alheio, especialmente dos falastrões e crianças birrentas, pois detesto, para o bem da minha saúde, dividir a mesa de quatro assentos com qualquer estranho, ou até com conhecidos. Está certo, sou, ou fui, filho único, embora tenha tido dois meios irmãos, um mais velho do que eu exatos vinte anos, filho do casamento anterior da mãe, e uma meio irmã, filha do meu pai, que só vi



uma vez na vida, e mesmo assim à distância segura para ela e para mim.

Hoje, mais que sempre, além do meu temperamento melancólico-colérico, agatado-aporrinhativo, valorizo o recolhimento, a reserva, a reflexão, a conversa interior, coisas que sem elas você não entende o mundo, a vida, a si mesmo, não melhora, e não se prepara dignamente para um dia não estar mais aqui. É na solidão que se faz as melhores escolhas, os melhores planos, se toma todas as decisões, não se mostra “um maria vai com as outras” e faz o balanço final, mais ou menos digno como na mundialmente conhecida canção “My Way” (Do meu jeito).

Só desse modo você tem certeza de que você é você, e não o outro.

O EFEITO BOLHA

O efeito bolha é normalmente entendido como a situação em que alguém, geralmente, em meio a um grupo, seja ele religioso, político, ideológico, profissional ou outro qualquer, não consegue ver ou perceber uma realidade diferente ou sobre outro viés, além do que lhe é imposto pelas normas e princípios do próprio grupo, ou criado à revelia por si mesmo. Foi assim com os nazistas, com os racistas da KKK, nos EUA, com os comunistas de todas as épocas, com católicos, calvinistas, muçulmanos e praticamente com religiosos de todas e quaisquer denominações. Também ocorre com os jornalistas em geral e, especialmente, com os pertencentes ao quadro da antes respeitada Rede Globo e suas mídias acessórias; e, também, da poderosa indústria de Hollywood a encher-nos o saco com uma penca de filmes lacrado-

res.

Não é necessário lembrar-se de que pertencer à bolha é algo insalubre, pois limita a sua capacidade de ver o mundo e a realidade, ao menos segundo um único viés, solitário e limitador e, muitas vezes, falacioso. É verdade que nenhum ser humano é capaz de ter pleno e inquestionável conhecimento sobre todas as coisas. As dúvidas sempre farão parte da nossa natureza. Bons especialistas, verdadeiros gênios em alguma área, cometerão gafes homéricas ao opinar acerca de outros assuntos, e os exemplos reais não são poucos.

Uma pesquisa mais recente, séria e pouco divulgada (basta dar um Google e você achará citações e a tese original) aferiu que idiotas são incapazes de perceber as “cacas” que fazem e dizem; e, pior, muitos se orgulham disso. Ou seja, o idiota é incapaz de se aperceber como tal, nem que lhe diga e prove não passar de boçal. É inútil listar o número de idiotas públicos, na política, no jornalismo, nos esportes, nas religiões, na magistratura, nas ciências, e em tantas outras ocupações e lugares. É importante ressaltar: a formação, por melhor que seja, mesmo em altos degraus de ensino, não faz o idiota menos idiota.

Idiotas são confiantes em sua idiotice, mais do que a normalidade poderia impulsionar, mais que a fé, crença, ativismo ou experiência pudessem fazê-lo. De fato, a referida pesquisa comprovou que a autoconfiança do idiota é exatamente proporcional à capacidade de não se ver como tal.

Portanto, não adianta tentar demovê-lo, confrontá-lo, expô-lo, nem uma boa surra será capaz de salvá-lo de si mesmo. Ainda assim, continuará obstinadamente a cultivar sua imbecilidade. Qual a utilidade desta reflexão?

Bem, se há algo a fugir o controle ou previsão de qualquer academia é o número possível de idiotas existentes na sociedade. Se biologicamente nascer “x” idiotas, essa sociedade terá uma grande possibilidade de se guiar por tendências, crenças, atitudes, valores e comportamentos igualmente idiotas. Isso será um verdadeiro desastre. Em termos modernos, poderá ser uma nação, uma sociedade, um país que eleja líderes desastrosos, tenha leis ridículas, e coexistir com toda a sorte de desfavores ao seu desenvolvimento. Não falo por maldade ou mau-caratismo, mas por pura e natural consequência lógica, bastando, para isto, ouvir, ler e ver os incontáveis absurdos expostos diariamente pelas mentes e bocas mais desconectadas da realidade.

A MÚSICA

Iniciamos, neste número, uma série de artigos úteis que abordarão aspectos da “Arte com A maiúsculo”, da maneira que entendemos ser a mais correta e menos conhecida do público em geral. Começaremos pela música. Pessoas normais não ficam confortáveis em confessar que não gostam de música; quase sempre minimizam o desconforto afirmando gostar

de tal tipo ou gênero, e não suportarem outros.

A minha experiência e observação quase contínua, por mais de trinta anos, diz que, de maneira geral, as pessoas não entendem nada do assunto, ou a ausência de compreensão as afasta do sentido real e das complexidades a cercá-la. Mas afinal, de modo simples e inteligível, o que é a Música?

Seria necessário cursos longevos e cansativos. Existe alguma maneira de qualquer aprendizado útil não ser cansativo, como preço mais do que justo a ser pago? Tem-se “ensinado” ou simplesmente ignorado os seus princípios e fundamentos? Ou se realizam daquele jeito tão bem definido pelos nossos ancestrais: feito nas coxas?

Primeiramente, a música é destinada a ouvintes com plena ou pelo menos suficiente capacidade de ouvir sons. Os sons se dividem em ruídos e barulhos, o que convenhamos não são tão úteis à música. Para que a música viesse a existir, foram criados, inventados ou reproduzidos determinadas sonoridades, as notas musicais, originalmente sete notas no total, talvez pelo fato dos antigos estudiosos acreditarem no poder sobrenatural do número “7”, e haver nele o sentido de perfeição.

Notas musicais, como sons determinados, são para a música como as letras dos alfabetos são para as diversas escritas e linguagens. Sem as notas musicais não haveria a música, assim como sem as letras, ideogramas ou outros sinais convencionados, existiria alguma escrita.

Mas o que são as notas musicais? São sons com alturas diferentes, separados uns dos outros, por distâncias sonoras (alturas) que determinam cada uma delas. Com esses sons, funcionando como peças únicas de um quebra-cabeças, cada compositor, cada instrumentista, pode criar uma sequência mais ou menos única que se traduz em uma melodia. melodias, dessa forma, são arranjos sequenciais de notas musicais que soam uma após outras. A melodia é o primeiro elemento fundamental da música.

Outro elemento fundamental da música ocidental é a harmonia. A harmonia ocorre quando duas ou mais notas musicais soam praticamente ao mesmo tempo, isto é, praticamente juntas!

Outro princípio é justamente o ritmo, que fundamentalmente é a pulsação, a ocorrer em qualquer peça musical, mentalmente, não sendo preciso a efetiva reprodução por um instrumento rítmico ou de percussão.

Finalmente, quem “ouve” a música não são os ouvidos mas o cérebro; por isso sem educação musical praticamente ninguém pode entender de fato a linguagem da música, ou qualquer peça musical. Aparentemente, as pessoas fingem apreender a linguagem musical, mas de uma forma ridícula, como se alguém ao ouvir o falante de língua estrangeira, constrangido e sem entender nada do que o outro falara, afirmasse compreender o que não havia realmente entendido.

Até a próxima!

OS MÍMICOS

Jorge F. Isah

Muitas vezes, pergunto-me o porquê de ler livros acadêmicos, exclusivamente políticos ou de ciências políticas, a esmerilhar algo um tanto tenebroso, outro tanto ilusório e quase nada ou nenhuma esperança real e factível, cheias de silogismos e teorias impraticáveis ou, se colocadas em prática, aniquilaria qualquer possibilidade de dias melhores e uma sociedade, digamos, menos capenga. Ah, alguém dirá: que raios está este escrevinhador a dizer com esta linguagem amorfa, ingênua e nada formal? A bem da verdade, estou a dizer que a política, tal qual formulada pelos estudiosos é o mesmo que acender velas para defunto.

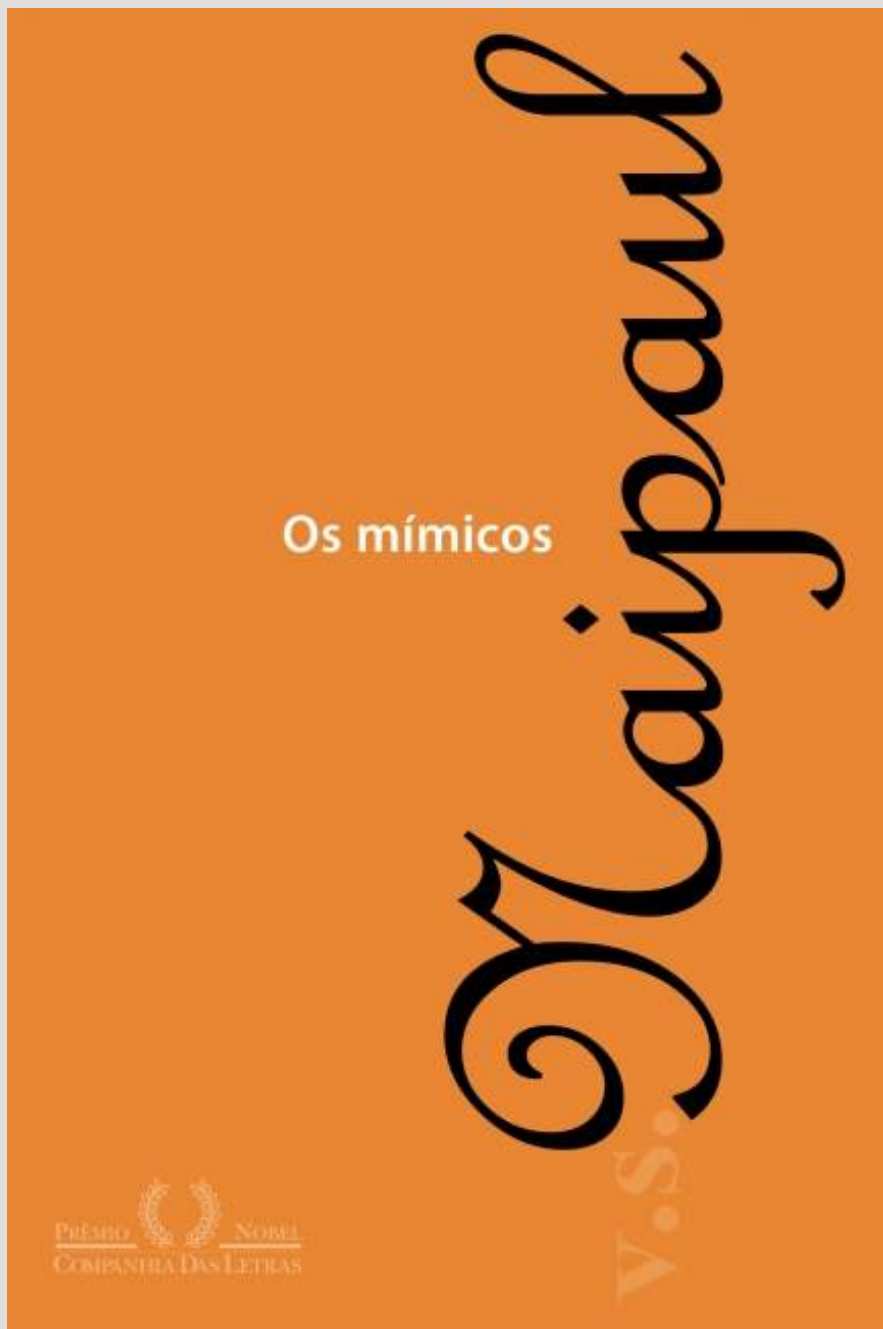
Aprendi mais sobre ideologias e políticas, de maneira geral e na prática, lendo Tolstói, Dostoievski, Mann e Naipaul do que em qualquer manual ou tratado. “Os Mímicos”, assim como “Uma Curva no Rio”, descreve em pormenores o desastre ou catástrofe de governos e suas plataformas, de revolucionários e seus delírios, assim como a realidade os mostra, sem os floreios, malícia e despudor de ideólogos e pensadores artificiais.

Em suas mais de trezentas páginas, o romance aborda aspectos da vida do personagem principal, Ralph Singh, nativo na ilha fictícia Isabella, no Caribe, de ascendência indiana, a interagir com descendentes africanos e ingleses, as principais etnias da região. É uma ex-colônia britânica, pobre, miserável, sem DNA cultural, afeita à corrupção e embuste governamental. Ralph escreve uma biografia de sua vida, a começar pelo momento em que parte a Londres, para estudar, casa-se com uma inglesa (Sandra), retor-

na à ilha, e exila-se, por fim, na capital bretã.

É um emaranhado diastásico, onde o estranhamento e mal-estar parecem aflorar nas escolhas, decisões e aptidões das personagens. Quase sempre ninguém configura-se convicto ou certo do que fazer. Essencialmente, a humanidade é confusa, a oscilar entre o sim e o não como se estivesse a jogar dados; mas, especialmente nas figuras criadas ou copiadas de Naipaul, esta característica afirma-se radical.

Singh é um homem, depois um menino, novamente homem e, por fim, às portas da



velhice, sem rumo, sem lugar, sem motivação. As coisas acontecem instintivamente: o sexo fortuito, a beleza apoderada, padrões duplicados... como um cão, incapaz de distinguir o certo e o errado (há controvérsias, pois muitos deles parecem mais racionais e lógicos que seus donos), ele é um tanto ingênuo e simplório em suas volições. Está disposto a construir-se a partir de estímulos, influxos, sem a devida consciência do que seja e o porquê de fazê-lo; outra vez, a indiferença da vontade, aleatória, a medir-se sem parâmetro, incondicional e espontânea, porém, infestada de artificialismo. E provém do exterior, a tomar-lhe a alma, a força contra a qual não se pode ou não se quer disputar. Já, no início, pode-se notar o teor de parte da narrativa: “Ainda não conhecia as normas sociais de Londres, nem conhecia as fisionomias e cútis das terras setentrionais; assim, o sr. Shylock me parecia um homem distinto, como um advogado, empresário ou político. Ele tinha o hábito de pegar no lóbulo da orelha e inclinar a cabeça quando escutava alguém. Achei aquele gesto atraente e o imitei”. Não sem razão, o título é apropriado, em sua simplicidade, mas também na verdade avassaladora dos homens, e Singh é um deles, sem identidade, a não ser a do grupo, coletiva. Óbvia a influência social, afinal, ao “homo sapiens” é natural o ajuntamento, participação, conluíus, seja para o bem ou mal, a união de personalidades na organização e disposição para fins comuns. Em proporções muito menores, Naipaul vislumbrava não apenas os gestos e ações sem palavras, mas o embuste e a farsa contidos nos discursos e atos, algo rotineiro e habitual de onde não se podia fugir ou desvencilhar-se.

Desde a infância, era tomado pelos eventos, pelas pessoas, sem conseguir guiar-se, deslocar aonde não fosse levado, mesmo que não cogitasse ir, e ir era tão somente não ficar parado, a necessidade de não refletir e, então, caso o fizesse, tomar as rédeas da própria vida. Algo semelhante aconteceu ao pai, ao ver-se repentinamente alçado ao

status de líder rebelde por alguns, salvador da pátria para outros, e lunático ao ver da maioria. Sem entender as razões a levá-lo a abandonar a família (não havia força suficiente para tanto a não ser medo e atonia), criar uma espécie de “culto”, as vezes confundido com movimentação política, outras vezes apenas com seita ou delírio coletivo; constituir nova família e cortar os laços em definitivo.

Aparentando ser apenas um livro político, a contar as relações entre Império e Colônia, entre reinos e súditos, entre ricos e pobres, e os escalões burocráticos dos “terceiro mundistas”, com as mais prosaicas e escancaradas “mutretas”, dissimulações, conchavos e traições, Naipaul está muito mais a falar da inevitabilidade da vida, construída a partir do acaso, das indecisões, ou simplesmente das escolhas irremediáveis mas também descabidas, numa espécie de fatalismo social e, por que não, existencial. Como se o caos gerasse apenas caos e dele não houvesse formas de escapulir; como um buraco negro, se é atraído para uma queda vertiginosa e sem fim. A despeito do sucesso aparente, da fortuna evidente, da ostentação desmedida, ele costurava a teia do fracasso, e nela se viu capturado... quanto mais se movia, mais se enrodilhava: “Eu tentava construir uma personalidade para mim mesmo. Era algo que eu já tinha tentado fazer mais de uma vez, e eu esperava ver a resposta nos olhos dos outros. Agora, no entanto, não sabia mais quem eu era; a ambição tornou-se confusa e depois murchou”.

O tempo ia e vinha, independente das conquistas sexuais, financeiras, profissionais, políticas, tudo voltava-se, novamente, ao ponto de partida. Por mais que se esforçasse, a resposta sempre parecia ser determinada pelo absurdo, o sem sentido, o ceticismo e o relativismo das verdades e valores tradicionais. Nada funcionou, nada funciona, nada funcionará; não existe saída além da barreira intransponível ao final do beco. A esperança não passa de conquistas, do sucesso em mantê-las o máximo possível,

pois o fim é a única mola absoluta... sempre a impulsionar ao vazio, ao nada. Este também é absoluto, para onde convergem todas as demais coisas relativas. A fuga do caos, e a caça à ordem sempre o fazia retornar à desordem.

No fim das contas, resta apenas a solidão, aquela máxima popular: nasce-se sozinho, morre-se sozinho. O passado se afasta, confiscado pelas próprias lembranças; o presente vive dos restos de imagens (o que sobra ao biógrafo?), e a frouxidão, a escassez no iminente futuro. Singh não tinha nada e acabou por perder o que tinha. Não existe amargura, arrependimento, redenção, tão somente o homem a andar na roda como o rato, enquanto a exaustão não chega e os favores se dissolvem. Até quando se repetem, repetem, em sucessão de equívocos e indefinições?... “Mas certas sensações saltam por cima dos anos. Foi justamente esse tipo de inquietação que senti quando comecei a escrever este livro. Naquele momento, eu não tinha medo algum de que desabasse o hotel ou o bar, os dois únicos lugares que eu frequentava – e ainda frequento -, pude identificar, no entanto, com repulsa, aquela sensação de estar preso, ameaçado por perigos externos, aquela dor de sentir que todo um mundo foi destruído e anulado. Talvez fosse consequência do esforço de escrever”.

Por mais que ele se sentisse liberto das amarras do passado, da colônia e das tramoias políticas, dos surtos psicóticos socialistas, da vida panfletária no último terço do livro, Singh tinha por certo a vida ser algo propositalmente ilusório, espúrio. Não existe saída a não ser continuar esse “modus vivendi”, e mesmo nas batalhas encontrar a paz apócrifa, ilegítima. Qualquer outra prerrogativa era inadmissível; só existe liberdade dentro do ciclo, ao qual não se quer cair mas é melhor se acostumar à queda.

“Ficava a me perguntar o que aconteceria se, de repente, um belo dia, de minha mesa atrás da coluna, eu visse Sandra entrar sozinha na sala. Sei perfeitamente o que fa-

ria naquela época; a pergunta não passava da manifestação de um desejo. Agora, porém, constato que estou mais próximo de minha posição original. Mais uma vez encaro meu casamento como um episódio entre parênteses; todas as emoções por ele provocadas me parecem profundamente fraudulentas. Assim, a atividade de escrever, apesar das distorções iniciais, termina por esclarecer, e chega mesmo a ser um processo de vida”.

E a vida parece, cada vez mais, o esconderijo da morte.

Avaliação: (***)

Título: Os Mímicos

Autor: V. S. Naipaul

Editora: Cia. Das Letras

Páginas: 320

Sinopse: Ralph Singh, ex-ministro de uma ilha fictícia do Caribe, caído em desgraça na política local, exilado em um subúrbio de Londres, escreve suas memórias. Esse personagem central de Os mímicos assemelha-se de alguma forma ao próprio Naipaul - hindu, nascido em Trinidad, autoexilado em Londres e, como Conrad, viajante contumaz. Assemelha-se em seu desencanto em relação às sociedades "mal-acabadas" do Terceiro Mundo e no humor ácido destilado sobre elas. Acusado de crueldade, Naipaul responde: "Há todo um entulho missionário difundido por pessoas que mentem, que não chamam um parasita de parasita, um bárbaro de bárbaro, que dizem 'pobre canibal, ainda não comeu carne fresca hoje' ". Por seu enorme talento, dificilmente pode haver um escritor vivo que supere V. S. Naipaul. Tudo o que se espera de um romancista é encontrado em seus livros...



O velho e a praia – Parte II



Jorge F. Isah

Chovia a cântaros, e uma placitude entranhada na alma não apagou as dúvidas quanto ao destino daquela manhã: estirar-se no sofá e deter-se preguiçosamente ao conforto e aconchego do lar. A mulher zanzava de lá para cá, de cá para lá, como se estivesse perdida ou em uma gincana em busca de prenda ou cumprir uma tarefa impossível e oculta. A despeito do vai-e-vem entre o desnorteadado e o obsessivo, não havia mostras de saber o que buscar, e se o buscar era algo necessário ou mera distração. Para ele, Lourdinha não suportava a cômoda e frugal atmosfera da casa, onde se ouvia o quase silêncio da TV, a cantoria dos pássaros, vozes e motores e pneus e freios nas ruas, um ou outro exibicionista a compelir os vizinhos com os seus gostos e desgostos musicais... Agora, a TV desligada, os pássaros escondidos e áfonos, as ruas desertas e apenas os veículos inevitáveis, sobrava a água no concreto e asfalto, e as calhas e telhados expulsavam o excesso sem reservas, a lançá-la nos regos, esgotos e bueiros. A

reclusão era-lhe a pior entre todas as coisas. Seria capaz de suportar fome e sede, mas a simples ideia de perder a mobilidade, por uma fração de segundo, tirava-lhe o sono e o gosto pela vida. Certa vez, ainda jovem, sua avó disse:

- Menina, vê se para quieta!... Até parece que comeu canela de cachorro!

Ela fez uma careta e imaginou-se a mastigar a carne e os ossos do Peri, uma mistura de pastor alemão com fila, e sentiu nojo... Só depois, veio a compaixão e a imagem do cão morto a assar no forno... Não sabia da existência de metáforas, figuras de linguagem e ditados; só mais tarde, entendeu a ilustração, mas na hora, diante da gravidade da anciã, preferiu o silêncio e aquiesceu ao que, supostamente, entendeu como reprimenda ao corre-corre pela sala. Se era ou não era a azáfama o motivo do ralhó, achou por bem e se viu obrigada à quase paralisia, com medo de novas ameaças e possíveis castigos. Como ouvia desde cedo, no corrente do lar paterno, gato escaldado

tem medo de água fria. E assim fez. Todavia, estava para carregar esta característica por toda a vida; sempre de um lado a outro, a mexer nisso e naquilo, a arrastar isso e aquilo, a puxar, remexer, as vezes organizar, mas quase sempre a confundir e embaralhar as coisas em seus sentidos esbanjados e copiosos, e gestos inquietos e ambíguos.

Em dias como este, onde o clima a impedia de escapar da clausura doméstica, mesmo na impossibilidade de fugir da rotina completa, seja onde for, era-lhe suplicio deter-se na exiguidade do lar e travar contato com as mesmas coisas, fossem objetos, pessoas, onde todas as coisas e nenhuma delas não ultrapassavam o enervante marasmo, contaminados pela irritante práxis letárgica. Se não bastasse a ausência de ruídos, quando muito o respirar exagerado do marido, um espirro ou ofegar solitário, apenas a chuva fazia-se notar. Por isso, e além disso, ela arrastava os chinelos mais intensamente, batia voluntariamente os objetos nas superfícies, a arrastar com vigor panelas, talheres, pratos e tudo disponível às mãos, como um grito de socorro em meio a agonia reclusa e apelos isolados.

- Mulher, você está com a macaca, hoje! Para de fazer barulho! Até parece o faniquito!

Antenor, às voltas com as ilustrações de um pombal, sabia dos intentos de Lourdinha, de estar a chamar-lhe a atenção, mas não poderia se dar por vencido, com o risco de não poder fazer nada além de ouvi-la em seus resmungos e provocações.

- Não está vendo que estou trabalhando?!... O que faz de tão importante que um barulhinho atoa incomoda?

Ele não respondeu. Era mais seguro. Mas não o suficiente para ela não se aproximar e ver os prospectos do abrigo.

- Que raios é isso?... É o que estou imaginando?... Se pensa que vou deixar você encher a casa de pombos, para emporcalhar e feder tudo, sem contar os piolhos e outras doenças, pode tirar o cavalinho da chuva!

Havia algo de ameaçador no tom de voz,

porque, conhecendo o marido, sabia muito bem que era dado as maluquices de projetos dispendiosos, árduos e babélicos, além de abandoná-los tão logo estivessem prontos. Então, por uma ninharia, ou caso não encontrasse outro louco, demolia tudo, quase instantaneamente, e se punha a idealizar outro plano.

- Desta vez, não me venha com gracinhas, porque não vou deixar você mover um dedo nessa porcaria! – Disse convicta, dedo em riste; e centenas, talvez milhares de perdigotos aspergidos sobre o homem sentado no sofá.

Foi até a dispensa, pegou um rodo, e na varanda começou a puxar e empurrar a água a cair imperiosa. Ele pensou: O que ela acha que está fazendo? Puxar água enquanto teima em cair mais intensa? Vai ficar assim o dia todo... E balançou a cabeça a desaprová-la... Quando Lourdinha olhou, encarou os olhos de Antenor, e soube na hora ser alvo de censura, pela desqualificada capacidade de atinar algo seguramente tão elementar.

- Que cara é essa?!... Acha que estou louca?!... Aproveito a chuva para lavar a varanda; não vê?!...- E, de si para si: É um tonto, mesmo!

Que coisa, pensou, ela agora lê os meus pensamentos também! O que será de mim? Confinado e acuado, sem ter aonde ir?... Oh, Senhor, não deixa o tempo persistir e a chuva continuar... se ela não sair, nada de pombos, paz e o silêncio... – Suplicou, quase se pondo de joelhos e a erguer os braços ao céu.

E nem a chuva se via tolerada pelo rodo e as manobras inabaláveis e fustigantes de Lourdinha.



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

Os homens andam entre a fragilidade e a inconstância, entre abismos e pântanos, aparências e imposturas... Ao ponto em que os ídolos vão dos políticos e suas instituições, esportes e seus “calabouços”, iminentes e midiáticos e suas hipnoses... As desintegrações das personalidades e distorções agudas da realidade a fim de criar e sustentar modelos em estados alucinógenos e, assim, ter o seu herói artificialmente apócrifo. O mundo tem se tornado em teia cada vez

maior de fios emaranhados, distorcidos, impostores, vergonhosos; onde a verdade não diz nada, e quando diz, por que não ignorá-la? E perverte-la? Tirar-lhe o sentido e em seu lugar pôr a lábia e encobrir os fatos?... O mundo vai de mal a pior, sentenciou avôs, bisavôs... Agora podemos vê-lo em pleno recrudescimento, enfatuado, arrogante, inclemente. Não obstante, são apenas “tigres de papel”... E suas obras não resistirão à fornalha do tempo.

Pois bem, esqueça os seus heróis de gibis, os de terno e gravata, os falastrões e seus perdigotos, as línguas afiadas e corações mortos, os cérebros deformados pela avalanche de clichês, bordões e lugares comuns sem lógica e arrazoado. Esqueça-se do peladeiro e a bola na ponta do nariz. O cantor de olhar vidrado a jorrar sandices em dois ou três acordes. Os viciados de todas as matizes a verem apenas o vermelho ou amarelo. Esqueça os homens que não se esquecem, e se veem em todos, feios, belos, toscos ou educados; os incapazes de fazer qualquer coisa sem antes olharem-se nos espelhos... os narcisos de botinas e saltos altos, bermudas e saias justas, acadêmicos e iletrados, filantropos e parasitas; esqueça-os, não são heróis, e morrerão na overdose do ego. Não vou sequer perder tempo com os “coraçõezinhos”, likes, beicinhos e contorcionistas de bíceps e glúteos; não vale a pena. Antes, é hora de falar dos verdadeiros heróis, homens comuns que em meio às dificuldades e insensibilidade do sistema, suas políticas, leis e vantagens não desistem, nadam contra a maré, fogem do palavratório astuto, arregaçam as mangas e salvam vidas. Este é o caso de Tim Ballard. Mas quem é esse homem?

Antes, quero fazer um parênteses. Houve uma pequena e barulhenta crítica especializada, influenciadores digitais a chamar o filme em questão, e por conseguinte o próprio Tim Ballard, de conspirador a pregar ódio e discriminação quanto aos sul-americanos. Fico cá com os meus botões a pensar o porquê de tantos ditos “sábios” e “intelectuais” se afundarem na esparrela ideológica e do politicamente



mente correto, seja lá o que isso valha ou não, e manipular os fatos com silogismos e falácias. Filmes, especialmente os ficcionais, podem se basear em eventos reais, em casos reais, em personagens reais, mas isso não implica em serem cópias fieis da realidade em todos os seus detalhes e pormenores, senão, seriam documentários. Sempre é permitida alguma criação artística mesmo no cinema de entretenimento, seja ele denúncia ou não. Cinema é uma arte, e muitos documentários e biografias estão aí para garantir que nem mesmo eles estão isentos de interpretações, suposições, factóides e especulações. Posto isso, “O som da liberdade” não é um filme completamente fiel, no sentido total, pleno, e trechos foram incluídos para construir uma dinâmica narrativa e reforçar a mensagem principal. O que o espectador deve ater-se é quanto à mensagem, se verdadeira ou falsa, e ela é, infelizmente, terrível em seu realismo, e fala muito dos críticos que se apegam a questiúnculas para criar a tese de complô ou teoria de conspiração. Isto é, no mínimo, estúpido como tapar o sol com a peneira.

Outro ponto a se ressaltar é que Tim Ballard tem sido atacado de várias maneiras à margem da sua atuação como “herói” no resgate dos pequeninos traficados por adultos malditos e desgraçados. Então, quero dizer aos iludidos: não existem heróis perfeitos. Todos, inclusive os completamente ficcionais, têm falhas, cometem erros, e a despeito dos seus poderes sobrenaturais (no caso dos super-heróis), têm o seu calcanhar-de-Aquiles. Existe, contudo, uma pressa assustadora dos detratores de Ballard em condená-lo pelo que ainda não se provou, e os juízos e sentenças desferidos contra ele, assim como o é a qualquer discordante do “senso-incomum” preconizado pelo establishment, são apressados, definitivos e irrevogáveis, mesmo que as provas digam o contrário; mesmo que seja o estratégia para distrair a atenção sob a centralidade da película. Parece obsessão ou transtorno cognitivo, mas vá lá, nem todos são capazes de tirar a carapuça a cegá-los.

De volta ao futuro, Tim Ballard é um ex-agente da CIA que abandonou a carreira e se dedicou quase integralmente a resgatar crianças do tráfico sexual. O filme trata exatamente disso: a grande indústria do tráfico para a satisfação de pedófilos. Mas isso os críticos não veem ou querem ver. Se preocupam com os detalhes, muitos deles apenas fixação maníaca-ideológica: a produtora ser especializada em filmes conservadores e cristãos; o protagonista, Jim Caviezel, ser católico e defensor da vida; Tim Ballard ser o protótipo do americano comum, com um casamento de décadas, oito filhos, e também a lutar pela vida. Falam do apoio de organizações tidas como “perigosas” e ameaçadoramente nocivas à sociedade. Tudo para não entrar no cerne da questão, e então camuflá-la. Por isso é tão importante haver vozes a denunciar o pior existente na humanidade, sem colocar glamour onde existe miséria, dor e humilhação. Chamar a meretriz de puta ou prostituta é inadequado; são profissionais do sexo. Chamar pedófilos de bandidos e criminosos é inadequado; são doentes. Chamar alcoólatras e viciados de infratores é inadequado; têm transtorno mental. Chamar ditadores do que eles são, tiranos, não é democrático, é ofensivo. E por aí, segue-se uma lista de crimes odiosos e hediondos reclassificados por eufemismos e que fazem a alegria de pedagogos, psicólogos, coachs e terapeutas comportamentais, além dos habituais patifes.

É necessário haver vozes, mesmo uma, duas ou três, a denunciar a barbárie do tráfico infantil e não ficar a pôr panos quentes com suas falas empoladas e vazias, enquanto a inocência e a vulnerabilidade das crianças e adolescentes é atacada, corrompida e destruída pela repugnável e sórdida perversidade de uns poucos, homens e mulheres.

Quanto ao filme, a história é envolvente, objetiva, a tocar fundo as feridas. Chegaram a dizer que é um melodrama, mas, ora, eu que raramente me dou o direito a uma lágrima aqui e acolá, não me contive em algumas cenas, tal a malignidade dos crimes a torna-

rem crianças em meros objetos de uso e descarte.

Jim Caviezel, o mesmo que interpretou Jesus em “A Paixão de Cristo”, de Mel Gibson, encarna Tim Ballard. Sempre econômico em suas interpretações (e com isto não estou a dizer que seja ruim, pelo contrário), ele transmite emoções que qualquer um é capaz de sentir, diante da luta para salvar quem pudesse das garras do tráfico. Sem fazer caras e bocas, histrionismo desnecessário, e comedido na atuação, a fim de permitir a fluidez da narrativa, está no rol dos atores a sustentar e privilegiar o script, e não o contrário: aparecer mais do que a trama.

O tema é sensível, mas urgente. Então, assista o filme, disponível em várias plataformas de streaming, como, p. ex., a Amazon Prime¹, onde o assinante pode vê-lo sem precisar pagar mais além da assinatura mensal.

E se você acha que esta realidade não é também brasileira, saiba que o país ocupa o indecente segundo lugar no mundo onde crianças e adolescentes são sequestrados para, entre outras coisas, a satisfação de pedófilos, a retirada de órgãos e o trabalho escravo. Infelizmente, boa parte dos militantes e engajados políticos estão preocupados com falatório, tramoias, rixas e urnas, enquanto os pequenos são tocados diariamente por infames e demônios... 50.000 por ano, apenas no Brasil; mas estes dados podem ser três ou quatro vezes maiores, já que apenas 25% dos crimes são denunciados... A ilha de Marajó que o diga, ainda que não seja “prerrogativa” exclusiva da terra brasilis.

Um dia, talvez, não precisemos mais dizer: “Os filhos de Deus não estão à venda!”²... E isto tem de acontecer, sem demora.

Avaliação: (****)

Filme: “O Som da Liberdade”

Direção: Alejandro Monteverde

Roteiro: Rod Barr, Alejandro Monteverde

Elenco: Jim Caviezel, Bill Camp, Cristal Aparicio

Título original “Sound of Freedom”



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

O fato de ser cristão não isenta ninguém de ter doenças, tristezas, contrariedades, sofrer acidentes, assaltos, traições, demissões, micose, calvície, cárie, dor de barriga, bicho de pé e, assim, o cidadão comum, que marreta o Imposto de Renda, fura fila, bate no cachorro, xinga a sogra e a cunhada, briga com a esposa, com os filhos e com o vizinho, e “toma uma” para esquecer, há de pensar: qual a vantagem de ser cristão?

Seria possível descrever, com facilidade, algumas dessas vantagens, como ficar em paz, obter e conceder o perdão, controlar o egoísmo, ser feliz com coisas simples, AMAR e, o mais importante, ser SALVO.

Religiões seculares sempre falaram da existência de uma vida após a morte, cada qual à sua maneira, sendo que uma delas acredita em um paraíso com 72 virgens para cada mártir; outras, sustentam que ocorrerão sucessivas reencarnações até que a pessoa sossegue o facho; já outras, defendem que os bons vão para o céu, os maus para o inferno, mas todos ainda terão uma chance de “purgar” os seus pecados; e outras, por fim, defendem que Jesus voltará para resgatar os poucos escolhidos, entre os muitos que foram cha-

mados, mas desprezaram a oportunidade.

Ele veio ao mundo para pregar o amor e a redenção dos pecados, que antes era obtida com o sacrifício de animais, ritual executado por sacerdotes. Então ele deu fim a essas práticas, passando a ser o próprio sacrifício e intermediador entre nós e Deus, o Pai.

Ele veio para nos tirar dessa vida miserável, marcada por um egoísmo insaciável que pode levar as pessoas comuns à loucura quando percebem que o seu tempo está se esgotando e que lá se foi a juventude, a beleza, a vitalidade, e os que bens materiais que conquistou, nem sempre com lisura, serão alvo de disputa entre herdeiros.

Jesus veio ao mundo para falar de uma OUTRA VIDA muito mais rica do que esta, mas ainda assim as pessoas não querem desapegar.

Sei que você pode achar muito chato ter que ler essas mesmas coisas todos os meses, nesta coluna, mas estou cumprindo ordens, pois foi o próprio Jesus que nos disse para fazermos discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecerem o que Ele ensinou.

E salve-se quem puder.

Faça a divulgação de seus produtos e negócios aqui

coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, eu tenho prisão de ventre e às vezes fico cinco ou mais dias sem ir ao banheiro. Já tentei de tudo, tomei remédios, chás, azeite, linhaça, farelo de trigo, ameixa preta, mas nada funcionou. O que faço?

Nelson – Chame logo o Roto-Rooter.

O meu irmão tem muita inveja de mim, e isso é desde que somos pequenos. Tudo por causa dos presentes que demos de aniversário ao nosso pai, que gostou mais do meu do que do dele. Ele nunca se esqueceu do episódio.

Nelson – Se o seu nome for Abel, acho melhor se cuidar.

Nelson, eu desconfio que estou sendo traído. Ela tem recebido uns telefonemas estranhos e sempre sai de perto para atender. Agora está andando toda arrumada, perfumada, e fala sempre que está indo ao médico.

Nelson – Acho que você também está precisando ir ao médico. Peça a ele uma pomada para passar nos chifres.

Descobri recentemente que sou filho adotivo, e os meus pais esconderam isso de mim. Eles são muito ricos, me deram uma boa educação, viajamos por vários países, sempre tive um motorista à disposição para me levar buscar no colégio. Será que vou atrás de meus pais biológicos?

Nelson – Se você for, deixe-me ficar no seu lugar.

Nelson, eu sou muito rica, bonita, tenho um corpo escultural e sou sexualmente insaciável. Até agora não conheci um homem capaz de apagar o meu fogo...

Nelson – Já experimentou se relacionar com um bombeiro?

Estou em dúvida se compro um carro esportivo ou viajo pelo mundo. Estou com 85 anos e sinto que preciso aproveitar o tempo que me resta.

Nelson – Pode ser que nem dê tempo. Na dúvida, compre um jazigo.

Estou ficando calvo e já experimentei todos os tipos de produtos que oferecem nas propagandas. Será que ainda tenho alguma esperança?

Nelson – Dizem que esperança é a última que morre, e a sua deve morrer careca.

A empresa em que trabalho está fazendo um programa de contenção de custos. Estou com medo de ser demitido.

Nelson - Seja demitido com coragem.